

Uma gramática jesuíta seiscentista: a *Arte da língua de Angola**

Maria Carlota ROSA
mcarlota.rosa@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um pequeno texto gramatical, a *Arte da língua de Angola*. Embora descreva o quimbundo, essa pequena obra gramatical parece ter sido escrita no Brasil. Seu autor, o padre jesuíta português Pedro Dias (?1521-1700), até onde se conhece sua vida, nunca esteve em Angola; a língua descrita na obra não leva o leitor, porém, a identificá-la com qualquer hipótese de simplificação de traços.

Palavras-chaves: quimbundo; Brasil; século XVII; gramáticas missionárias; Companhia de Jesus.

Abstract

This paper presents a seventeenth century short grammar written to the study of Kimbundu. It is the *Arte da língua de Angola* ('art of Angola language'). It is an intriguing work. It is likely to have been written in Brazil, by a Portuguese Jesuit priest, Pedro Dias (?1621-1700) who had never been in Angola. However Dias learned Kimbundu, the language he has described has no resemblance to a simplified language.

Key words: Kimbundu; Brazil; 17th century; missionary grammars; Society of Jesus.

Introdução

O objetivo deste artigo é apresentar o texto da *Arte da língua de Angola*. É uma obra de poucas páginas e em pequeno formato, escrita pelo padre jesuíta português Pedro Dias(?1621-1700)¹ e publicada em Lisboa em 1697 por Miguel Deslandes, já então impressor real. A *língua de Angola* é o quimbundo. E a Angola de então, bem menor que a atual, situava-se entre os rios Dande e Longa, fronteiras, respectivamente, norte com o Reino do Congo, e sul, com o reino de Benguela, estendendo-se o Reino de Angola do mar para o interior pelo rio Cuanza até as quedas de Cambambe (Amaral,

* Veja reprodução do texto na seção *Documentos* desta revista.

¹ Teria nascido em 1621 segundo Barbosa Machado (1752: III,575) ou em 1622 (Leite, 1938-1950: VIII, 199).

2000:35). Essa região era habitada pelos ambundos, ou Mbundu, daí derivando o nome da língua que a obra descreve.

Sobre a vida do autor não se conhece muito. Chama a atenção, porém, que Dias veio para o Brasil jovem, uma vez que dá início ao noviciado em 1641, não se tem certeza se no Rio de Janeiro (Leite, 1938-1950): VIII, 199) ou na Bahia (Sommervogel et alii: III, col. 41; Barbosa Machado, 1752: III, 575) — sem jamais ter estado em Angola (Reginaldo, 2005: 36n81; Alencastro, 2009:22). Segundo Serafim Leite (1938-1950: VIII, 199) já sabia a língua de Angola em 1663.

Se Dias realmente aprendeu quimbundo no Brasil, teria descrito apenas uma língua franca em uso no Brasil? Mas isso significa o quê?

Ao se empregar a denominação *língua franca* tem-se em mente falantes nativos de línguas distintas em contato regular. A denominação é ambígua. O termo tem emprego como sinônimo de *pídgín*, isto é, de uma nova língua sem falantes nativos, com base lexical numa das línguas em contacto, com estrutura gramatical reduzida e funções bem específicas. Não foi uma língua deste tipo que Dias descreveu, como se constata na complexidade dos dados da *Arte*. O outro significado para língua franca é o de uma língua que passa a ser empregada por muitos não nativos, como acontece com o inglês na atualidade. Para chegar à conclusão quanto a este aspecto, a situação se torna complexa, porque é necessário levar em conta o quimbundo em dois espaços distintos: o Reino de Angola e o Brasil.

Nem todos os escravos trazidos ao Brasil pelo porto de Luanda eram falantes de quimbundo. Aquela região congrega, porém, línguas bantas com muitas semelhanças, o que levou Slenes (1991-1992) a defender que já na viagem para o litoral os escravos capturados no interior do continente teriam percebido que a intercomunicação era possível. Isso lhes teria possibilitado a criação de uma “*identidade bantu comum*” (Slenes, 1991-1992: 54)². Por esta perspectiva, uma língua franca seria desnecessária: se a intercomunicação é possível, cada um pode usar sua própria língua.

No século XIX Héli Chatelain (1894) demonstrava que a variedade de Luanda tinha muitos empréstimos do português e que, para aprender quimbundo tivera de se deslocar para Malange. Certamente também não foi uma variedade com forte influência do português que Dias descreveu.

No tocante ao Brasil, Bonvini (2008: 35) propõe que o Colégio Jesuíta do Rio de Janeiro reunia cerca de seiscentos escravos negros em 1641, quando Dias começa seu noviciado. Nem todos os autores, porém, colocam Dias no Rio de Janeiro, como se viu anteriormente. Há certeza, porém, de que Pedro Dias visitou escravos em fazendas e engenhos no interior de Pernambuco quando da epidemia de “mal da bicha” (Leite, 1938-1950: 199), que é entendida como febre amarela. Esse cenário parece implicar a existência de uma língua franca no primeiro sentido, mas certamente não foi isso que Dias descreveu.

A *Arte da língua de Angola* descreve o quimbundo tendo como pano de fundo a gramática latina do também jesuíta Manuel Álvares (1526-1582), publicada

² Agradeço a indicação do professor Jorge Prata de Sousa.

inicialmente em 1572. Com o uso recomendado na *Ratio Studiorum* (1599), a gramática de Álvares estava tão difundida que Dias pôde apresentar as regras de sua gramática apenas parcialmente: “*Porém porei a primeira palavra da regra Latina*” (Dias, 1697: 33). Um “*etc*” indica que o restante da regra era de conhecimento compartilhado (para essas regras, ver Rosa, 2010).

Apresenta-se, em seguida, o texto de Dias. A edição apenas completou as poucas abreviaturas no texto, assinalando-as com sublinhado.

Referências

- DIAS, Pedro, S.J. *Arte da lingva de Angola, / oeferecida [sic]/ a Virgem Senhora N. do/ Rosario, Mãy, & Senhora dos mesmos/ Pretos*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, Impressor de Sua Magestade. Anno 1697. Edição fac-similar: Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2006.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. 2000. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul. Séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. 2009. Os africanos e as falas africanas no Brasil. In: GALVES, Charlotte; GARMES, Helder & RIBEIRO, Fernando Rosa (org.). *África-Brasil: caminhos da língua portuguesa*. Campinas: Editora da Unicamp. p. 15-25.
- ÁLVARES, Manuel. 1572. *De institutione grammaticalibritres*. Lisboa: João Barreiro. Ed. fac-similar: [s.l.] Junta Geral do Distrito Autônomo de Funchal, [1974]. Disponível em: <http://www.scribd.com/doc/13567062/1572gramatica-latina> ; e em <http://purl.pt/14122/2/> [Acesso em 01 Nov 2010].
- AMARAL, Ilídio do. 2000. *O rio Cuanza (Angola) da Barra a Cambambe: reconstituição de aspectos geográficos e acontecimentos históricos dos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Ministério da Ciência e Tecnologia/ Instituto de Investigação Científica Tropical.
- BARBOSA MACHADO, Diogo. 1752. *Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues. 3 vv. v.3, vol. 1 disponível em: <http://www.archive.org/stream/bibliothecalusit01barbuoft#page/n7/mode/2up> [Acesso em 27 Feb 2011].
- BONVINI, Emílio. 2008. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, José Luiz & PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto. p. 15-62.
- CHATELAIN, Héli. 1894. Fifty tales, with Ki-Mbundu text literal English translation introduction, and notes, collected and edited by Héli Chatelain. *Memoirs of the American Folk-Lore Society*, Boston/New York; The American Folk-Lore Society. v. 1. Disponível em <http://www.archive.org/stream/folktalesangola00chatgoog#page/n0/mode/2up> [Acesso em 24 Feb 2011].
- LEITE, Serafim. 1938-1950. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Ed. fac-similar. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000. 10 v.
- REGINALDO, Lucilene. 2005. *Os rosários dos angolas: irmandades negras, experiências escravas e identidades africanas na Bahia setecentista*. Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Silvia Hunold Lara. Campinas: Unicamp. Disponível em: http://www.ppgh.ufba.br/IMG/pdf/OS_ROSARIOS_DOS_ANGOLAS.pdf [Acesso em 14 Nov 2010].
- ROSA, Maria Carlota. A Arte da língua de Angola (1697) e a gramática latina de Manuel Álvares (1572). *Eutomia* (Recife), v.II, p.3 - , 2010. Disponível em: http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano3-Volume2/especial-destaques/destaques-linguistica/destaque_a_arte_da_lingua_de_angola.pdf [Acesso em 24 Feb 2011].
- SLENES, Robert W. 1991-1992. “*Malungu, ngoma vem!*”: África coberta e descoberta do Brasil. *Revista da USP*, 12: 48-67. Disponível em: <http://www.usp.br/revistausp/12/06-robert.pdf> [Acesso em 21 Abr 2011].

SOMMERVOGEL, CARLOS; BACKER, Augustin; BACKER, Aloys; CARAYON, Auguste. 1890-1932. Bibliothèque de la Compagnie de Jésus. Bruxelles/ Paris: Oscar Schepens/ Alphonse Piccard. 9v.